

Diretor prepara série para TV e longa sobre Brasília

Ricardo Dias percorreu o Brasil dos mais diversos credos religiosos por longos 16 meses. Ao final do processo, seus fotógrafos (o inglês Adrian Cooper e o brasileiro Carlos Ebert) tinham colhido 60 horas de imagens. Condensar tudo em 91 minutos foi um desafio.

O cineasta, com a ajuda de seu montador - o craque Eduardo Escorel - optou por cinco grandes blocos temáticos (as romarias católicas em Belém do Pará, no Juazeiro, Canindé e Aparecida do Norte; os cultos afro-brasileiros; o espiritismo praticado pelos seguidores de Chico Xavier; a experiência única do Vale do Amanhecer; e os grandes cultos evangélicos).

O restante do material - que inclui a Cidade Eclética, criada por Mestre Yokanan; uma das reuniões anuais da CNBB em Itaici; um culto de Candomblé em Cachoeira, no Recôncavo baiano, entre dezenas de outras manifestações religiosas - dará origem a uma série para TV. "O material é tão rico" - pondera Dias - "que merece ser exibido em TVs brasileiras e estrangeiras".

Por muitos anos, a esquerda de credo marxista defendeu a tese de que "a religião é o ópio do povo". Ricardo nunca comungou desta idéia. Seu filme é extremamente respeitoso com todas as religiões.

Se o público ri de alguns depoimentos ou imagens, é porque o romeiro, ou o bruxo (caso de Raul de Xangô), ou a cantora evangélica, ou pregadora (a Bispa Sônia Hernandez) lhe fornece munição. A primeira gargalhada sonora dos espectadores acontece quando uma romeira cearense, fã incondicional de Padre Cícero, conta que seus familiarés - todos radicados em outro estado - querem ser sepultados na terra do religioso nordestino. "Fazemos questão de ter o *prazer de ser enterrados* aqui, perto dele".

Depois a platéia se diverte com o pensamento libertário de Raul de Xangô, que - para diminuir o peso da morte sobre nossas curtas existências - enaltece a vida. E o riso volta - aí de forma crítica - quando a cantora gospel Renilva Freire enaltece a igreja evangélica, que "recupera assassinos, maconeiros e drogados". E, já quase no final do filme, a Bispa Sônia Hernandez comanda mega-show religioso, prestigiado por milhares de seguidores de sua Igreja Renascer. Suas frases resultam em um mix de otimismo a la Lair Ribeiro, com imagens do mundo *pop*. "Desde que Ele (Cristo) saiu do túmulo, é só vitória". E convoca suas "milícias" para engrossar as fileiras de sua igreja, enquanto as guitarras tocam cânticos reciclados em ritmos modernos.

Ricardo dias faz questão de deixar claro que não é intenção dele (e por extensão, do filme) menosprezar nenhuma crença religiosa. "Respeitamos a todos e temos certeza de que, realmente, a fé faz bem às pessoas".

Depois do lançamento do filme e da série televisiva, o cineasta vai cuidar de seu terceiro longa, um documentário sobre a capital brasileira, intitulado *Um Ano e Noventa Minutos em Brasília*. O lançamento deverá ocorrer no ano 2000, quando a cidade estará comemorando 40 anos e o país relembrando o quinto centenário do Descobrimento.

A estreia de Ricardo Dias na ficção de longa-metragem (ele assina um dos episódios de *Oswaldianas*) deverá ocorrer em 2001, com *Maluco Beleza*, road-movie sobre "filósofo dos nossos desgarrados", espelhado no cantor e compositor baiano Raul Seixas. (MRC, de SP)